



O BULLYING NAS ESCOLAS: UM ESTUDO SOBRE VIOLÊNCIA, CONSCIENTIZAÇÃO E PRÁTICAS DE ENFRENTAMENTO

Suzie Keilla Viana da Silva¹, Julia Cristina Antuniazzi², Jéssica Pavão Antoniassi³,
Laura Bellanda Galuch⁴

¹ Doutoranda em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá - UEM, docente do Centro Universitário Cidade Verde - UniCV. suziekeilla72@gmail.com

² Pós-graduada em Tecnologias Aplicadas ao Ensino a Distância, Graduada em Serviço Social, tutora do Centro Universitário Cidade Verde - UniCV. juliaantuniazzi@gmail.com

³ Doutora em Educação para a Ciências e a Matemática - UEM, docente do Centro Universitário Cidade Verde - UniCV. prof_jessica@unicv.edu.br

⁴ Doutoranda em Estudos da Linguagem - UEL, lauragaluch@gmail.com

RESUMO

O bullying escolar é uma forma de violência global que afeta crianças e adolescentes em diferentes papéis (vítimas, agressores ou vítimas-agressoras), ocorrendo em todas as escolas, públicas ou privadas. Este estudo busca compreender o fenômeno, conceituando suas diferentes manifestações e destacando o papel da escola no combate à prática. A pesquisa, de caráter bibliográfico, revela que o bullying, antes visto como "brincadeira", causa danos profundos, como baixa autoestima, depressão e, em casos extremos, suicídio. O problema é agravado pela falta de intervenção eficaz, exigindo ações escolares como campanhas educativas, abordagem interdisciplinar (ex.: discussões em Ciências e Redação) e apoio psicológico. A Lei 13.185/2015 reforça essa necessidade, prevendo capacitação docente e conscientização. Um estudo de caso em Maringá ilustra a eficácia de atividades como dinâmicas de empatia ("espelho") e produção de cartas argumentativas, que promoveram autorreflexão em 60% dos alunos envolvidos. Conclui-se que o combate ao *bullying* requer esforço coletivo: escolas devem integrar o tema ao currículo, famílias precisam dialogar abertamente, e políticas públicas devem ser implementadas. A violência escolar é um reflexo de problemas sociais mais amplos, exigindo intervenções que vão além do ambiente educacional, com foco no respeito às diferenças e na construção de ambientes seguros e inclusivos.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying; Educação; Intolerância; Violência

1 INTRODUÇÃO

A violência nas escolas se tornou um problema mundial, e o *bullying* escolar pode envolver crianças e adolescentes de diferentes maneiras, fazendo com que essas assumam papéis diferenciados. Dentre estes, têm-se vítimas, agressores e vítimas-agressoras. Este tipo de violência encontra-se em todos os níveis escolares e em escolas públicas e privadas. O *bullying* sempre existiu, mas era levado apenas como brincadeira de criança. Desta forma, como as escolas podem contribuir para o combate ao *bullying*? Tem-se por objetivo principal compreender a violência escolar por meio do *bullying*, e por objetivos específicos conceituar a violência escolar e os tipos de bullying; apresentar como a escola pode trabalhar o tema violência nas escolas. Este estudo torna-se relevante pois traz à luz um tema contemporâneo como o *bullying*, nesse está intrínseco a intolerância, desta forma a conscientização sobre o tema deve ser discutida em salas de aulas, no interior das famílias e em todas as instituições, trazendo as consequências para vítimas x agressores.

O *bullying* vem sendo uma discussão recente com início no Brasil em que vitimiza as crianças e jovens, no entremeio das relações econômicas, sociais e no espaço escolar. Segundo Coutinho et.al (2022) o comportamento *bullying* pode ser identificado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade, mas se difunde cada vez mais na educação infantil e no ensino fundamental. Trata-se de um fenômeno universal, observado em instituições de



ensino de distintos contextos sociais, culturais e econômicos, o que evidencia sua presença tanto em escolas públicas quanto privadas em diferentes partes do mundo.

Existem inúmeras variações da palavra *bullying*, o termo refere-se a uma ação repetida de caráter proposital em que causam ou indivíduo em que está recebendo estas ações pejorativas, vergonha, instabilidades nas emoções. Segundo Calbo *et.al* (2009), além das diferentes definições encontradas para o termo *bullying*, há também formas distintas de classificá-lo. Assim, esse fenômeno pode ser qualificado quanto ao tipo de ato violento que é empreendido, diferenciando-se entre direto e indireto. O *bullying* direto, tanto físico como verbal, inclui agressão física, abuso sexual, roubo ou deterioração de objetos de outra pessoa, extorsão, insultos, apelidos e comentários racistas

O estudo da violência escolar parte da análise das depredações e danos aos prédios escolares e chega ao final da década de 1990 e início dos anos 2000 com o estudo das relações interpessoais agressivas, envolvendo alunos, professores e outros agentes da comunidade escolar, segundo Sposito (2001). Segundo o Portal da Educação, na década de 1980 o professor e pesquisador norueguês Olweus (1931 – 2020) foi o primeiro a relacionar a palavra *bullying* ao fenômeno da violência escolar. De acordo com Camargo (2007) *bullying* é um termo da língua inglesa (*bully*=valentão) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

O autor Olweus (1993 *apud* Bandeira; Hutz, 2010, p. 2) diz que o *bullying* constitui-se em uma subcategoria bem delimitada de agressão ou comportamento agressivo, caracterizado pela repetitividade e assimetria de forças. Ambos se complementam, pois este comportamento agressivo e persistente, tem um caráter degradante e ofensivo causando danos físicos e psicológicos em um ou em vários estudantes, que normalmente são mais fracos e incapazes de se defenderem, sendo sustentado apesar da manifestação de sinais claros de contestação e desagrado por parte do alvo.

Segundo Neto (2021, s/p),

No Brasil, o *bullying* é traduzido como o ato de bulir, tocar, bater, socar, zombar, tripudiar, ridicularizar, colocar apelidos humilhantes etc. Essas são as práticas mais comuns do ato de praticar *bullying*. A violência é praticada por um ou mais indivíduos, com o objetivo de intimidar, humilhar ou agredir fisicamente a vítima.

O agressor normalmente é aquela criança que age de forma violenta contra um colega que é supostamente mais fraco, com características que os diferenciam dos demais, com a “intenção de machucar, prejudicar, sem ter havido provocação por parte da vítima”, segundo Berger (2007 *apud* Bandeira; Hutz, 2010, p. 2), é intencional, e pode ser praticado em vários tipos de locais, como no trabalho e na escola, não provocado pela vítima.

O ambiente escolar possui uma função fundamental na formação social dos alunos, e por isso, é comum que conflitos ocorram entre os participantes desse contexto. Entretanto, Da Silva e Toazza (2023), entendem que o *bullying* possui uma sistemática com ocorrência persistente, o que agrava o sofrimento da vítima. Dessa forma, é possível diferenciar o *bullying* de conflitos esporádicos.

Os impactos dessas ações sobre as vítimas, sejam elas práticas em grupo ou individual, podem causar um desequilíbrio emocional ou físico levando em conta as questões de idade, desenvolvimento físico e emocional dentro ou fora do ambiente escolar. Conforme Pereira (2002) afirma que, em geral, o *bullying* é praticado contra os mais



inseguros, mais fáceis de atemorizar ou que têm maior dificuldade em se defender ou pedir ajuda.

O *bullying* verbal é o tipo que mais acontece segundo, sobretudo nas escolas, as agressões podem ser verbais com a utilização de apelidos, insultos, comentários racistas, homofóbicos, transfobia, de diferenças religiosas, físicas, econômico-sociais, culturais, morais e políticas (Rolim, 2008), entre outros, de forma repetidas contra um mesmo alvo, nas escolas, normalmente ocorre longe dos adultos e seus efeitos psicológicos não são tão perceptíveis. Segundo Neto (2021), o *bullying* físico consiste na repetição de agressões físicas contra determinada pessoa e pode ocorrer por meio de socos, chutes, beliscões, arranhões, empurrões, cusparadas, etc. esses tipos de agressões intencionais e contínuas contra um mesmo alvo caracterizam como *bullying* físico.

O assédio ou abuso sexual sistemático, caracteriza-se como *bullying* sexual, seja no espaço da escola, de casa ou do trabalho, podendo ser físico ou verbal, desde que o comportamento tenha caráter sexual e resulte em constrangimento e humilhação para a vítima (Neto, 2021). Outro tipo de *bullying* é o social, é um tipo de *bullying* verbal, com a diferença de que esta forma de intimidação tem o potencial de isolar de forma intencional e constante ou excluir a vítima do grupo (Neto, 2021).

O *bullying* material ocorre quando há dano, destruição ou furto de pertences. Pode estar acompanhado de outros tipos de agressão e é comum no espaço escolar (Neto, 2021). O *bullying* eletrônico ou *cyberbullying*, ocorrem com os ataques que podem ocorrer por vias eletrônicas, depreende-se que o *cyberbullying* diferencia-se dos outros tipos pelo meio do qual ele acontece. Não estamos falando do espaço da escola ou do trabalho, mas do espaço virtual e trata-se de qualquer tipo de *bullying* que ocorram na internet, seja por e-mail, sites, redes sociais ou aplicativos de mensagens (Neto, 2021).

Considerando o contexto escolar, as escolas são consideradas um lugar de proteção para as crianças e adolescentes, isto faz parte da sua função social, desta forma se faz necessário combater o *bullying*. Segundo Camargo (2021) os atos de *bullying* ferem princípios constitucionais – respeito à dignidade da pessoa humana – e ferem o Código Civil, que determina que todo ato ilícito que cause danos a outrem gera o dever de indenizar.

O responsável pelo ato de *bullying* pode também ser enquadrado no Código de Defesa do Consumidor, tendo em vista que as escolas prestam serviço aos consumidores e são responsáveis por atos de *bullying* que ocorram dentro do estabelecimento de ensino/trabalho. O *bullying* escolar foi aceito por muito tempo socialmente, sendo encarado como brincadeira, zoeira ou coisa de criança, portanto, é premente romper o ciclo de violência e mostrar que o *bullying* não é mera brincadeira.

As crianças ou adolescentes que passam pelo *bullying* podem se tornar adultos com baixa autoestima ou com sentimentos negativos, ou até mesmo chegando a tentar ou cometer o suicídio em casos extremos. O(s) autor(es) das agressões geralmente são pessoas que têm pouca empatia, pertencentes às famílias com certas vulnerabilidades (sociais e/ou emocionais) em que o relacionamento afetivo entre seus membros tende a ser escasso ou precário. Por outro lado, o alvo dos agressores geralmente são pessoas pouco sociáveis, com baixa capacidade de reação ou de fazer cessar os atos prejudiciais contra si e possuem forte sentimento de insegurança, o que os impede de solicitar ajuda (Camargo, 2021).

Cabe à escola trabalhar a questão do respeito às diferenças em sua grade curricular, sendo incluído em sequências didáticas de disciplinas, especialmente das humanidades e sociologia por exemplo, e manter os canais de comunicação abertos. É fundamental que ocorra nas escolas uma efetiva intervenção contra o *bullying*, que orientadores, professores



e diretores estejam sempre dispostos a escutar os alunos, e que estes se sintam à vontade para falar, evitando o isolamento.

Em casos de risco elevado, convém que a escola faça um acompanhamento individualizado da vítima e tome medidas educativas para conter o agressor. A família tem um papel muito importante, pois, é neste meio que a criança é educada e ensinada a respeitar ao próximo, outro ponto é o acompanhamento familiar na vida escolar de seus filhos, dialogando sempre para combater e prevenir o *bullying*, manter uma comunicação aberta cria condições para que as mesmas peçam apoio.

Crianças e adolescentes que sofrem *bullying* dentro do ambiente escolar podem querer abandonar a escola, ter baixo desempenho e a baixa autoestima, conforme Neto (2021), dentre os danos psicológicos, destaca-se a ansiedade, a depressão e a solidão. Ainda segundo o autor, o *bullying* escolar é considerado ato ilícito, ou seja, viola o direito e provoca danos a outra pessoa.

Dependendo da idade do agressor, pode ser considerado crime (no caso de ser maior de 18 anos) ou ato infracional (se for menor de idade). No caso de prática de *bullying* por crianças e adolescentes menores de 18 anos, os pais do agressor podem ser responsabilizados. No caso de *bullying* físico, as penas podem ser ainda mais severas.

Em 2015, entrou em vigor a Lei nº 13.185/2015, que é específica sobre *bullying* que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática. Além de definir o que é intimidação sistemática (*bullying*), a lei determina objetivos do programa de combate e prevenção ao *bullying*. Dentre as medidas, estão a capacitação de docentes (Art. 4º, II), a implementação de campanhas educativas e a assistência psicológica a vítimas e a agressores (Brasil, 2015).

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Docentes do ensino médio da rede privada da cidade de Maringá desenvolveram um projeto interdisciplinar a fim de conscientizar e combater algumas situações observadas por elas. Os docentes ministram disciplinas na formação geral básica e nos itinerários formativos.

Foi observado por elas uma situação em uma das turmas. Uma aluna nova, que trocou de colégio por conta de algumas antigas colegas, inicia o novo ano letivo nesta escola. Foi observado a excelência dessa aluna nas áreas de linguagens e exatas e a alta habilidade de relacionamento interpessoal. Essas características foram destacadas por mais professores da equipe pedagógica. Entretanto, foi observado que após alguns meses de aula, a aluna teve uma transformação abrupta de comportamento como rendimento escolar e isolamento social. Era perceptível a sensibilidade da aluna durante o período de aula.

Isto despertou o alerta nas docentes sobre situações que estivessem ocorrendo dentro ou fora do ambiente escolar.

Durante as aulas, foram observados alguns comentários e comportamentos de colegas de sala sobre a sexualidade da aluna, que, em momentos pertinentes, assumiu que houve comentários sobre essa temática, ocasionando um isolamento dos amigos.

Diante a situação, as professoras entenderam a necessidade de uma intervenção didática, para a conscientização dos alunos e minimização da situação durante as aulas, até que pudesse acontecer uma intervenção da coordenação pedagógica. Para possibilitar essa ação de conscientização, foram realizadas algumas atividades em diferentes disciplinas:

- Disciplina 1



- Conteúdo:
 - Discussão sobre diversidade humana (biologia e sociedade).
 - Análise de dados científicos sobre saúde mental e *bullying*, através dos materiais:
 - “Nove em cada dez estudantes adolescentes e jovens LGBTI+ afirmaram ter sido vítimas de algum tipo de agressão verbal em 2024” (Almeida, 2025);
 - Lei 13.185/2015: “Define *bullying* como atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivos, causando dor/sofrimento.” (Brasil, 2015);
 - A representação do sofrimento de adolescentes e jovens: suicídio entre estudantes na cidade de São Paulo (Gomes; Santos Neto, 2025).
- Atividades:
 - Dinâmica do espelho (“Como o outro se sente?”).
 - Produção de gráficos com estatísticas de *bullying* no Brasil.
- Disciplina 2
 - Conteúdo:
 - Produção de cartas argumentativas contra a discriminação.
 - Análise de casos reais (reportagens sobre jovens LGBTQIA+).
- Disciplina 3
 - Atividades:
 - Qual a essência da turma? os alunos construíram cartazes demonstrando quais as situações e jargões que mais acontecem na turma através de imagens (fotos ou caricaturas).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da “dinâmica espelho”, os alunos fizeram relatos através de uma atividade online. Apenas 60% da turma participou da atividade. Algumas partes desses relatos estão dispostos abaixo:

- Estudante A: *“Fica claro que minhas “brincadeiras” sobre a sexualidade da colega não são inofensivas, mas sim uma forma de violência.”*
- Estudante E: *“Eu nunca imaginei que meus comentários pudessem levar uma pessoa a sofrer tanto, a ponto de se isolar e chorar [...]”*
- Estudante M: *“[...] o texto mostra a ligação direta entre essa violência e problemas sérios de saúde mental. Eu agi sem pensar nas consequências reais, no impacto que a LGBTfobia tem na vida de uma pessoa.”*

Os trechos expostos demonstram que o material trabalhado em sala de aula aliado ao anonimato possibilitou a alguns alunos uma possível tomada de consciência sobre seus atos.



As atividades sobre a essência da turma trouxeram à tona algumas ações em grupo que representavam aprovação e aceitação de grupo, demonstrando que, por algumas vezes, os alunos optam pela sensação de pertencimento a um grupo, sem refletirem a gravidade de seus atos. As fotos e caricaturas não foram disponibilizadas por ser possível a identificação de alunos.

O pertencimento a um grupo na adolescência é fundamental para o desenvolvimento social e biológico que ocorre nesta fase. Associações a grupos podem ser positivas ou negativas (Ampuro *et.al*, 2003). Quando olhamos para os casos de *bullying*, para as vítimas é fundamental pertencer a um grupo que a acolha a fim de minimizar os efeitos dessa violência. Mas em associações negativas, o grupo incentiva comportamentos não conscientes que podem levar à prática do *bullying*.

4 CONCLUSÃO

Compreende-se que a violência está inserida na sociedade desde as crianças até os adultos. Desta forma, tanto a família como os professores precisam estar preparados para lidar com este ciclo de violência que ocorre em nossas escolas. Vimos que não existe apenas um tipo de *bullying*, mas vários como o verbal, físico, social, sexual, material e na contemporaneidade o *cyberbullying*, todas ferem a autoestima das crianças e adolescentes que passam por ela. A família pode e deve orientar, trabalhar junto com a equipe pedagógica no combate às violências.

A escola tem um papel fundamental no combate a todos os tipos de violência, principalmente o *bullying*, desta forma torna-se um grande desafio aos educadores e toda a equipe pedagógica, trazer em sua grade curricular este tema tão relevante.

O Estado tentando combater o *Bullying* instituiu a Lei nº 13.185/2015, esta é específica sobre *bullying* que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, que traz em seu bojo a capacitação dos docentes, campanhas educativas, apoio às famílias de vítimas e agressores de forma extremamente importante.

O relato de uma situação numa escola particular em Maringá, onde uma aluna recém-chegada sofria por causa de comentários sobre a sua vida íntima, mostra o quão urgente e complicado é lidar com o *bullying* e o preconceito nas escolas. A atitude das professoras, que criaram um projeto juntando várias matérias, prova que ensinar pode ser uma ótima maneira de conscientizar e mudar as atitudes.

As tarefas realizadas, como a "dinâmica do espelho" e a criação de textos defendendo uma ideia, tiveram um efeito importante na forma como alguns alunos pensavam. As falas coletadas depois da dinâmica mostram que alguns dos que praticavam *bullying* começaram a entender o quanto suas ações eram ruins e as consequências que elas traziam, principalmente para a saúde mental e o isolamento das vítimas. Esse resultado indica que explicar os assuntos e incentivar a empatia, num lugar onde se pode pensar sobre isso, pode dar início a um processo de acabar com os preconceitos.

Porém, a atividade "Qual a essência da turma?", ao revelar que ainda existem muitas gírias e comportamentos que mostram a vontade de fazer parte e ser aceito pelo grupo, mesmo que sem perceber ou de forma prejudicial, destaca um problema comum na adolescência. A necessidade de estar junto de outros, essencial para crescer nessa fase, pode, contraditoriamente, levar a atitudes preconceituosas quando o que o grupo pensa é mais importante do que refletir individualmente sobre o quão grave são atos como a LGBTfobia.

Para resumir, o projeto reforça que é muito importante que as escolas façam ações educativas contínuas e organizadas, que falem não só sobre o *bullying* e a diversidade,



mas também sobre as complicadas relações sociais da adolescência. Fica claro que, apesar de ações isoladas poderem gerar reflexão no momento, construir um ambiente escolar realmente inclusivo e que respeite a todos exige um trabalho de muitas formas e constante, que envolva toda a comunidade escolar e incentive o desenvolvimento de qualidades como a empatia, a solidariedade e o respeito pelas diferenças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Danniella (Agência Brasil). Nove em cada dez estudantes LGBTI+ sofreram agressão verbal na escola. **Agência Brasil**, Brasília, 4 abr. 2025. Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br> Acesso em: 01 jun. 2025

AMPURO, Deise Matos do; ALCES, Paola Biasoli; CÁRDENAS, Carmen J. Pertencimento e identidade em adolescentes em situação de risco de Brasília. **Journal of Human Growth and Development**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.7322/jhgd.39787>>. Acesso em: 06 jun. 2025.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes. HUTZ, Claudio Simon. **As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000100014>>. Acesso em: 06 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.185/2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm> acesso em: 05 jul. 2025.

CALBO Adriano Severo; BUSNELLO, Fernanda de Bastani; RIGOLI, Marcelo Montagner; SCHAEFER, Luiziana Souto; KRISTENSEN, Christian Haag. Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 2, p.73-80, 2009. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v2n2/v2n2a01.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2025.

CAMARGO, Orson. **Bullying**. (2007). Disponível em: <<https://ensinosociologia.milharal.org/2010/09/22/bullying/#more-1188>> acesso em: 05 jul. 2025.

COUTINHO, Karen de Azevedo; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo; OLIVEIRA JUNIOR, Isaias Batista de. Bullying homofóbico e religiosidade: representações sociais de acadêmicos do Curso de Pedagogia. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 27, n. 60, p. 83-103, 2022. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-19822022000200083&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 06 jun. 2025.

DA SILVA, Vinicius Girardi; TOAZZA, Katia. O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: UM RELATO DE ADOLESCENTES: BULLYING IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: A REPORT OF ADOLESCENTS. *Professare*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. e3007, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/view/3007>. Acesso em: 12 jun. 2025.



GOMES, Geuvania Rosa do Nascimento; NETO, Edson Theodoro dos Santos. A representação do sofrimento de adolescentes e jovens: suicídio entre estudantes na cidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, [S. l.], v. 27, supl. 2, p. 21-32, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/rbps.v27isupl_2.48407>. Acesso em: 06 jun. 2025.

NETO, Carlos. **Significado de Bullying, atualizado em 01 jul. 2021**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/bullying/>> acesso em: 05 nov. 2024.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **Conhecendo o Bullying e o Cyberbullying**. COLUNISTA PORTAL – EDUCAÇÃO. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/conhecendo-o-bullying-e-o-cyberbullying/60389>> acesso em: 05 jul. 2025.

ROLIM, Marcos. **Bullying: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14951/000672845.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 06 jun. 2025.

SPOSITO, Marilia Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e pesquisa, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022001000100007>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PEREIRA, Beatriz; SILVA, Marta Iossi; NUNES, Berta. Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 28, p. 455-466, 2009. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v09n28/v09n28a04.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2025.

VERALDO, Ivana. **Tensões no espaço escolar**: violência, bullying, indisciplina e homofobia. Eduem, 2014.